

O coronel de Macambira

Joaquim Cardozo

**O coronel
de Macambira**

bumba-meu-boi, em dois quadros

PRIMEIRO QUADRO

Ao iniciar o espetáculo estão sentados no mesmo lado do recinto (ou da arena, ou do palco) três violeiros e três cantadeiras; aparecem, no fundo, dançando e se aproximando, Capitão no seu Cavalo-marinho e, ao lado, também dançando e segurando as rédeas, Arlequim. Seguem-se Mateus, Catirina e Bastião no mesmo ritmo de dança.

As cantadeiras e os violeiros acompanham as danças:

Bumba-meu-boi! Bumba!
 Cavalo-marinho
 Vem que vem dançando
 Bem devagarinho.

Cavalo-marinho
 De onde é que vem?
 Das praias de longe?
 Das terras de além?

Bumba-meu-boi! Bumba!
 Que vem de chegar
 Cavalo-marinho
 Das bandas do mar.

Ao chegar no recinto onde estão os violeiros e as cantadeiras o capitão se apresenta.

Capitão

Saibam todos os presentes
 Que, para aqui enviado,
 No meu cavalo-marinho
 Sou capitão bem montado.

Sou conde condecorado
 Com a cruz do Tempo e do Ar,
 Capitão de Altas Milícias,
 Cavaleiro de Além Mar.

Venho aqui pela Justiça
 O justo direito dar
 Venho perseguir os fortes
 E os fracos desagruvar.

Sou conde condecorado
 Senhor de grande solar
 Comigo trago mandato
 De tudo remediar.

Sou conde condecorado
 Com a cruz do Tempo e do Ar
 Sou comandante das nuvens
 Errante no pelejar.

Ouve-se de repente um rumor de vozes, de gritos nos bastidores. Mateus espia para um lado, para outro, se abaixa, se levanta, põe a mão em pala sobre os olhos; de repente corre para um certo lugar à direita e volta trazendo um homem armado de rifles, punhal, espingarda, peixeira; no peito

cartucheiras, etc. Após de Mateus e do valentão entra também um fazendeiro de parques recursos, chamado José Pequeno. Durante o tempo em que Mateus esquadrinha os arredores, as cantadeiras cantam:

Quem é este que aí vem
 Mais forte que um arsenal?
 Mais perverso que valente
 Mais frio do que um punhal?

Vem pela sombra do mato
 Armado como um tenente;
 É por trás que sempre atira
 E ao fugir corre na frente.

Vem pela sombra do mato,
 Tocaia na encruzilhada:
 E a morte ronda os caminhos
 Até raiar madrugada.

Valentão

Vocês não sabem quem sou?
 Sou um homem do cangaço
 Me chamam Chico Fulô;
 Engulo balas de aço
 Sem sentir nenhuma dor;

Grades de ferro espedaço
 Sem fazer muito rumor;
 E faço pouco e desfaço
 De quem mais valente for.

Catirina Mas se és assim tão forte
Porque te chamam... fulô...?

Valentão (*sorri envaidecido*)

Assim me tratam as mulheres...
Com elas sempre mantive
Relações sempre amorosas;
Mas os homens todos sabem
Que sou fulô venenosa:
Que embora Chico fulô,
Uma vez com um só tiro,
Numa feira em Nazaré,
Por pouco mais que besteira,
Liquidei Pedro Garrucha
Matei Totonio Banzé
E Berto da Lambedeira.

(*pausa*)

Por minhas tantas façanhas
Ganhei prestígio e valor;
Fui jagunço muito tempo
No grupo do Nicanor
E hoje estou no serviço
Do seu coronel Nonô.

Fazendeiro Zé Pequeno

Desse mesmo coronel
É que me sinto afrontado
Foi ele quem me arruinou
E me fez mais desgraçado.
Mandou romper meu açude

Me deixou atrapalhado;
 Uma vez quis destruir
 Minha casa, meu roçado.
 Agora manda um bandido
 A matar meu boi malhado.

Valentão *(olha de forma ameaçadora o fazendeiro):*

De tanto atirar, meu rifle
 Já ficou descalibrado;
 De cortar carne ruim
 De muito cabra malvado
 A minha faca peixeira
 Ficou cega dos dois lados,
 Que comigo não se meta
 Quem quiser ir descansado.

Bastião

Um valentão conheci
 Na Fazenda Macambira;
 Mas sua força era fraca...
 Numa luta que manteve
 Perdeu a faca que tinha
 E acabou mesmo levando
 Uma surra de bainha:
 – Bainha da própria faca.

Valentão *(espia arrogante para Bastião e com ar de desprezo):*

Sou filho de Pernambuco
 Lá das bandas de Carpina,
 Da cana gosto do suco

Que tem nome Monjopina
Eduquei-me no trabuco
Matar gente é minha sina.

Fazendeiro Pequeno

Nasci também nesta terra
Que o sol castiga e descora
– Terra de Joaquim Nabuco –
Homem de bem, homem certo
Que era muito diferente
Desses *nabucos* de agora.

Valentão

Há muito que por aqui
Um *sanguezinho* não há;
Mas pelo jeito parece
Que as coisas vão melhorar,
Pois seu coronel Nonô
Acaba de me chamar.

Há de ser briga valente,
Com muito sangue de gente
Vai correr sangue de boi,
E ninguém há de sobrar
Para contar como foi.

Fazendeiro Pequeno investe sobre o valentão que foge, tropeça nas armas e cai. Mateus vai sobre ele, levanta-o e atira-o para fora a bexigadas. Mateus volta sobre o Fazendeiro e leva-o também a bexigadas pelo lado contrário.

Bastião Ora vejam que mucufa!
 Bebe fumos, valentias,
 Mas só lorotas deságua;
 Por isso digo: este tipo
 Não passa de um caga-n'água.

Imediatamente ao fundo aparecem três figuras mascaradas, vêm andando cada uma com uma maneira de andar diferente. As cantadeiras cantam:

Cantadeiras Vem na frente o produtor
 Logo após o economista
 Mais atrás com o seu tambor
 O sagaz propagandista.

Dizem que são justiceiros,
 Produtores da abundância,
 Na verdade são coveiros
 No cemitério da infância.

De tamanhos produtores
 Bem se conhece o produto:
 Terras secas, gado morto
 Gente faminta, de luto.

Capitão Mateus, Mateus vai saber
 Quem são estes sambaquantes?

Mateus Meus senhores, a que vindes?

*A parte do produtor, do economista e do propagandista
deve ser declamada com apropriada mímica verbal.*

Produtor Sou o grande produtor
De farinha e de algodão
Produtor de rapadura
De manteiga e requeijão;
Sou grande fornecedor
De carne seca e feijão.
Digo porém sem rebuços,
Aqui ninguém me embaraça
Sou produtor de cachaça
Esta é que dá dinheirão.

Mateus Ah! Bem se atina e se vê
Bem se vê que é malandrão.

Produtor Todos os seres vivos
Se mantêm por minha mão;
Sou aquele que produz
O que se vende e se come
O que se goza e se dorme
O que se gasta e consome.
Para alguém viver feliz
Precisa invocar meu nome
Só mesmo o tolo, o babão
É que se mata de fome.
Não medindo sacrifícios
Agora mesmo aqui estou
Para trazer benefícios

Às terras de seu Nonô;
 E entrando logo em ação
 Chamei um economista
(indica o economista)
 Para estudar a região.

Economista

Sou economista formado
 Doutor em finas finanças
 Doutor em leis matemáticas
 E outras muitas lambanças;
 Sei fazer cheques cruzados,
 Abrir contas, dar finanças,
 Sei fazer também descontos,
 Hipotecas e cobranças;
 Estudei muitos tratados
 Vindos do país da França.

Os recursos desta terra
 Medi em justas balanças
 Consultei interessados
 Ouvi muitos embuanças;
 E usando de uma política
 Da melhor das vizinhanças
 Aos homens destas paragens
 Trago novas esperanças.

Mateus

Se vem assim nessa rima
 Vem é para encher a pança.

Bastião

Não sei, Mateus, mas este homem

Parece aquele engenheiro
 Que aqui esteve o ano passado
 Com essas mesmas besteiras:
 – Dr. Sidonio Furtado.

Mateus Ele não era engenheiro
 Também não era Furtado
 – Os *furtados* somos nós.
 De quem estamos falando
 O nome certo, Bastião,
 É Possidônio Furtando.

*Enquanto falam Bastião e Mateus, o economista
 consulta uns papéis que tira do bolso; depois, voltando a
 guardá-los continua:*

Economista Há aqui nesta região
 Um famoso boi malhado
 Por si só uma riqueza,
 Pois daria, bem talhado,
 Fortuna de uma grandeza
 Como igual nunca se viu
 Por toda essa redondeza.
 Por meu saber é que afirmo
 E disto tenho a certeza;
 Só a carne do bicho, eu digo,
 – E digo assim sem malícia, –
 Traria toda a comarca
 Alimentação vitalícia;
 E do couro? Sim do couro

O que dizer, meus senhores,
 Senão que o mesmo é um tesouro:
 Couro malhado, bonito
 Que faz o boi feiticeiro...
 Cada malha bem vendida
 Daria muito dinheiro.

E o esqueleto do boi? Ah!
 Também afirmo e não erro
 Que todo o seu esqueleto
 É de minério de ferro;
 Os cascos, a cauda são coisas
 Ricas.

Bastião

E os chifres, patrão,
 De que são?

Economista

Já foram de ouro
 Já foram de prata, mas, hoje,
 Se a coisa bem se relata
 São de pedras preciosas
 Que já estamos vendendo
 Aos nossos amigos. Ainda bem...

Enfim... silêncio! cuidado!
 Falar nisso não convém.

Bastião

Ouro, prata, diamante!
 Que chifres tão gloriosos!
 Quando nada mais valerem

Ainda serão famosos,
 Pois ficarão, com certeza
 Como belos ornamentos,
 Como emblema da fuzarca
 Na sede do grande clube
 Dos maridos de um bom gênio
 Que moram nesta comarca.

Economista

Fiz assim sobre esse boi
 Um grande planejamento
 Tudo está equacionado
 Com muito discernimento:
 E desta exata equação
 Até o próprio jumento
 Encontrará solução;
 As vantagens que apresento
 Nessa grande promoção
 Nosso bom propagandista
 Explicará num momento.

Propagandista *(falando de um modo arrastado, lento e cantado, na fonética usual do interior do Nordeste):*

Planejamento bem bom!
 Viu! Para os agricultores...

Neste momento, Mateus tira por trás a máscara do produtor.

Todos

O quê? O Coronel Nonô de Macambira!

Não refeitos, ainda, da surpresa, Catirina tira a máscara do economista.

Todos Oh! Mas é seu Nezinho da Coletoria!

Bastião tira a máscara do propagandista.

Todos (rindo) Ah! Ah! Ah! Zé Pinga Fogo,
o maestro da charanga!

Mateus e Bastião investem com as bexigas e empurram para fora da cena as três figuras mascaradas. Entra um padre vestido de batina branca, entra dançando de pernas abertas, saltando de um pé para outro. Fala com sotaque.

Padre Vim fazer o casamento
De Catirina e Mateus
De hoje em diante que vivam
Nas graças da lei de Deus;
Por seu coronel Nonô
Eu estou autorizado:
– Em suas terras, me disse,
Ninguém mais vive amigado.

Catirina A casar não me recuso
É mesmo a minha tenção
Mas é um padre de preto
De que tenho precisão
O padre muda a batina,
Está sentindo calor?

Eu sou negra, negra fico
 Não posso mudar de cor.

Mateus Jesus Morreu no calvário
 Depois de grande paixão;
 O seu vigário tem medo
 De morrer de insolação.

Padre Você tem razão, Mateus
 E você também, Catirina,
 Padre de preto é que é padre,
 Devo mudar de batina.

(faz um movimento para sair, mas se detém)

Catirina Mesmo assim, padre, preciso
 Arranjar os meus papéis
 O que de certo me força
 A gastar muitos mil réis;
 Minha mãe é de Salgueiro
 Meu pai não sei donde é;
 Vou gastar muito dinheiro
 Para saber se o seu nome
 É Antônio, Pedro ou José.

Padre Sim, sim, tem toda a razão
 E digo mais, ainda mais
 É preciso confessar-se;
 Para cumprir, minha filha,
 Os deveres conjugais
 Precisa purificar-se.

O padre vai sair

Catirina (*indecisa faz um gesto vago para detê-lo*)

Mas... seu padre...

Padre Heim! que quer?

Catirina Seu padre espere... um momento...

Queria que me dissesse:

Quanto custa um casamento?

Padre Um casamento completo
Com sinos, flores e velas
Tudo distinto e correto,
Tudo rico, tudo pronto
Para o efeito mais raro,
Agora custa dois contos.

Catirina Dois contos? Como é caro!

Padre Mas, Catirina, convenha,
Hoje tudo encareceu
O vinho, o óleo estão caros,
O preço como cresceu
Das grandes velas de cera!
O incenso então, nem se fala!
E o salário que aumentou
Do sacristão? E o menino
Sineiro que agora mesmo
Me pediu mais um tostão

Por badalada de sino?

Catirina E não há um casamento
Mais barato, seu vigário?

Padre Não. Mas você, Catirina,
Pode casar no crediário.

*Enquanto o padre conversa e gesticula junto à Catirina,
a quem explica como é o crediário.*

Mateus A igreja, pelo que vejo,
Também se modernizou
Tornou-se mais camarada
Mais simples e mais amiga.

Bastião Se é crediário, Mateus,
A coisa já está no Credo
É portanto coisa antiga;
E é caso certo, notório,
Que antes de ao céu chegarem
As almas ficam pagando
Prestações no purgatório.

Catirina (*estranhando as palavras do padre*):

E é preciso fiador?

Padre Entre nós não é necessário...
Pois você e Mateus têm crédito
Grande na minha paróquia,

Apenas faço a exigência
De ser entre nós lavrado
Contrato em que me garantam
Mais de quinze batizados.

Catirina Preciso pensar um pouco...

Padre Pense com calma, reflita,
Eu voltarei no outro dia.

O padre vai-se retirando como entrou; Mateus sai atrás dele devagar para lhe dar uma bexigada; o padre volta-se e Mateus finge espantar um maribondo.

Padre Depois voltarei... depois

Continua a sair, Mateus vai novamente sobre ele com a bexiga, mas o padre se volta e Mateus deixando cair a bexiga finge que se atrapalha em apanhá-la.

Padre Depois... (*enfim, sai*)

Enquanto estas coisas se passavam, uma figura surgia de vez em quando e atravessava para um lado e para outro da cena (o bicheiro). O capitão chama Mateus; nesse momento a figura desaparece.

Capitão Mateus, há algum tempo já
Que venho presenciando:
Para lá e para cá

Há um camafonge passando.
 Vai perguntar de onde veio?
 E que vem fazer aqui?

Mateus sai na direção em que desapareceu a figura. As cantadeiras cantam:

Cantadeiras Mas é seu Tenório
 Bicheiro da Vila
 Com o seu criatório

 Esperto e finório
 Trazendo seus bichos
 Aí está seu Tenório

 Agora o casório
 Mateus-Catirina
 – Um par de simplórios

 Não é mais ilusório
 Trazendo seus bichos
 Aí está seu Tenório.

Volta Mateus trazendo o bicheiro, mas em vez de aproximá-lo do capitão, conversa com ele.

Mateus Você disse, seu Tenório
 Que tinha um jogo infalível:
 Duas dezenas dobradas,

Uma centena invertida,
E mais um milhar por cima...
De tal maneira que o grupo

Ficava todo cercado;
Um jogo mesmo certinho
Que dava certo na certa.

Bicheiro Sim, é verdade que tenho.
Mas que bicho quer você
Cercar, seu Mateus?

Mateus O touro.

Bicheiro O touro? Não pode ser...
Está muito carregado
Desde que correu notícia
Acerca do boi malhado...
O senhor sabe...

Mateus E na vaca?

Bicheiro Na vaca também, amigo,
O jogo já está fechado
Creio mesmo, se na lista
Houvesse também novilha
Estaria certo esgotada
Por ser da mesma família.
Pois é tão grande a esperança
Em acertar desta gente

Que todo mundo fez fê
No boi e nos seus parentes.

Mateus E no avestruz pode ser?

Bicheiro No avestruz? ora, não pode:
E pela mesma razão.

Mateus Como assim?

Bicheiro Pois, seu Mateus,
O avestruz é primo-irmão
Da ema. E esta, você sabe,
Neste boi entra em função;
Muita gente, então, usou
Por tabela e bom palpite:
Que é mesmo o boi malhado
Sem menor contestação.

Catirina (*vai para o bicheiro e o empurra*):

Bicheiro besta, a verdade
É que você prendeu a vaca
Nunca mais que a vaca deu
Trasanteontem tive um sonho
Que me fez acreditar
Em ganhar boa bolada
Nesse jogo.

Bicheiro Mas o quê?
E em que sonhou, minha flor?

Mateus (*olhando desconfiado o bicheiro, e à socapa*):

Este cabra é meio afoito.

Catirina

Uma vaca que pastava
 Por um campo de repolho
 Em sonho foi o que vi,
 Joguei na vaca na certa
 Joguei na vaca e... perdi.

Bicheiro

E que bicho deu, minha bela?

Mateus (*aproxima-se do bicheiro e aperta-lhe um braço*):

É melhor conter a boca.

Catirina

O bicho que deu foi coelho.

Bicheiro (*faz um gesto*):

Ora aí está mais que evidente:
 Sonhou com uma vaquinha
 Pastando tranquilamente
 Por um campo de repolho?
 Pois o sonho está bem claro
 E certo o bicho que deu;
 (*pausa*)
 Só poderia dar coelho...
 Senão vejamos, vejamos,
 Examinemos o caso
 As palavras soletrando:
 Repo-lho, go-lho, coe-lho
 Lho-go-lho, pois aí está...

Aí esta, minha senhora,
O *lho-go-lho* do bicho.

Catirina Ah!

O bicheiro se aproxima de Catirina e tenta conversar com ela em voz baixa. Catirina se excusa.

Bicheiro Pois olhe que solto a vaca
Que há muito tempo prendi
Se tu quiseres, roxinha,
Ir comigo até ali.

Nesse ponto Mateus avança e segura o bicheiro pela gola do paletó.

Mateus Seu bicheiro, mais respeito,
Cale a boca tagarela
Não é assim que se conversa
Com uma moça donzela.

O bicheiro se liberta deixando uma parte do paletó nas mãos de Mateus e foge; Mateus o persegue, consegue segurar-lhe novamente o paletó pelas fraldas, que se desprendem novamente e ficam nas suas mãos; o bicheiro consegue escapar até os bastidores. Contra ele Mateus atira a bexiga. Ouve-se de repente um grande estrondo; todos ficam paralisados e espantados, em atitude de escuta; depois de um curto espaço de tempo, as cantadeiras anunciam.

Cantadeiras O avião, o avião, o avião caiu
 Uma luz no céu passar eu vi
 O avião, o avião, o avião caiu
 Na serra de Comunati.

Ouvi passar Rasga-Mortalha
 Ouvi cantar Pitiguari
 O avião, o avião, o avião caiu
 Na serra de Comunati.

Enquanto as cantadeiras cantam, Mateus, Catirina e Bastião saem pelo fundo e voltam trazendo nos braços, desfalecido, o corpo de um aviador; ao chegar perto do capitão, o aviador é reanimado.

Aviador Fatalidade – uma flor
 Que abriu no céu de repente;
 Fatalidade – uma fruta
 Da qual eu fui semente;
 Semente verde, semente
 Para o nascer imatura
 Trazendo aos ares desertos
 Ramagens de desventura,
 Lançando no solo frio
 Raízes de morte escura;
 Pelas chuvas e os serenos
 De um outono de amargura
 Corpos-folhas decepadas
 Caídos na terra dura.

Fatalidade – uma flor
 Que abriu no céu de repente,
 Fatalidade – uma fruta
 Da qual eu fui semente;
 Semente verde, semente
 Para o nascer prematura.

O aviador é retirado vagarosamente acompanhado por Mateus, Catirina e Bastião; o cavalo-marinho dança uma dança animada. O capitão pára de repente, e olha para o fundo da cena, onde vem aparecendo a figura de uma jovem com o rosto velado por uma sombra azulada, traz o uniforme de uma aeromoça; enquanto se aproxima devagar, as cantadeiras cantam:

Cantadeiras

Minha flor, minha ternura
 Meu jardim de malmequeres
 Meu jardim de paqueviras
 Teu silêncio se estendeu
 Nas folhas de macambiras.

Canário, canário branco

Canário branco.

Teu rosto ficou ferido
 Teu coração ficou preso
 Dos gravatás nos espinhos
 Tua voz se transformou
 No canto de um passarinho.

Canário, canário branco

Canário branco.

Teu corpo se converteu
 Na sombra de um ramo seco;
 Ramo simples de favela
 Aonde rompeu as asas
 A canarinha amarela.

Canário, canário branco

Canário branco.

(cantam, com a aeromoça, já perto):

Eis a sombra que restou
 Da bela fronde primeira
 Quando em sombras desfolhada
 Arrastada pelo vento
 Se perdeu na ribanceira

Canário, canário branco

Canário branco.

O cavalo-marinho, que dançando vai recuando aos poucos diante da figura da aeromoça que avança, pára de repente.

Capitão Quem és? De onde vens?

Aeromoça Diante de vós eu sou
 Uma forma constelada.
 Diante de vós, agora
 Falo com a voz queimada,
 Deixei as graças da terra
 Naquela terrível prova.
 Agora, nos céus longínquos,
 Sou filha da lua nova.

(A aeromoça prossegue cantando, acompanhada pelas violas e cantadeiras):

Sou filha da lua nova
Sou irmã da estrela d'Alva
Navegando pelos ares
Numa noite cor de malva;
Da morte, que não temi,
Para sempre estarei salva.
Sou filha da lua nova
Sou irmã da estrela d'Alva.
As asas que ali caíram
Foram asas que me deram
Minhas asas verdadeiras
As que comigo vieram
No chão rasteiro e sem fim
Jamais poderão cair
São as asas da esperança
De um futuro que há de vir

(Depois de uma pausa, prossegue, agora já se preparando para sair):

Pastora sou de pastores
Baliza dos ventos frios
Pastora sou de aeronaves
Farol guiando os navios
Que, aos portos de Além do Além
Levam seus porões vazios
Pastora sou de aeronaves
Baliza dos ventos frios.

Agora já está formada a maneira de sair; à frente Mateus vai brandindo, floreando as bexigas, após a aeromoça ladeada por Catirina e Bastião; vão-se dirigindo para sair de cena e as cantadeiras cantam.

Cantadeiras Jardim do céu, do céu
 Rosa branca, rosa breve
 Jardim de plantas de nuvem
 Jardim de nuvens de neve.
 Jardim do céu, do céu
 Jardim do céu.
 Jardim do céu, do céu
 Jardim do céu.

Com um gesto o capitão faz parar o canto das cantadeiras, reina silêncio.

Capitão (*apurando o ouvido*):

Escutem, escutem. Não
 Estão ouvindo um rumor?
 Um rumor de passos distantes?

Bastião (*deita-se no chão e aplica o ouvido ao solo*):

Ah! Sim, sim, estou ouvindo
 Um rumor muito apagado;
 É o rumor da terra girando,
 Rumor do tempo voando...
 (*pausa: Bastião apura o ouvido*)
 E uma semente que estala
 E a terra em torno levanta

Já toda se preparando
Para se erguer numa planta.

Capitão (*surpreso*) Como?

Bastião (*com o ouvido aplicado*):

Não, não é bem isto...
É coisa mais parecida
Com uma roda rodando...
Roda d'água de banguê
– Uma distante moenda
Que gira não sei por quê...
É coisa assim parecida
Com uma serra que vai
Serrando – uma velha serra
Serrando capim de planta
Pra todo o gado comer
(*abre muito os olhos, surpreso*):
Hum! Que é isto? Estão falando.
Estou ouvindo, mas é
Como se estivesse vendo,
Três poetas discutindo
Na venda de seu Lacerda...
E um deles muito zangado
Aos outros mandando à merda...

Bastião cada vez mais surpreso, acomoda melhor o ouvido ao solo e fica mais atento.

Bastião (*atento*): Agora... Agora...

(põe a mão na boca):

Ih! Ah!

Ouço ruídos de espirros

E de eruditos pigarros;

É um deputado tossindo:

Tosse de grandes catarros,

Mas quanta demagogia

Em seus ilustres escarros!

(agora ri, ri às gargalhadas):

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(pisca o olho, movendo as sobrancelhas):

Depois de lauto jantar

Em que se esteve fartando

Ouço que alguém se alivia

É um padre gordo... arrotando

Capitão *(impaciente)*

Mas não é isto, não é,

São passos de alguém que está

Daqui a se aproximar.

Mateus *(se abaixa e sacode Bastião):*

Oh! Bastião, Bastião

Não é nessa direção

Que você deve escutar...

Bastião muda de posição, aplicando o outro ouvido ao solo.

Bastião

Ah! Agora sim, ouço bem...

Ouço um menino chorando
 E uma voz muito mansinha
 O menino acalentando;
 Uma velhinha, coitada
 Muito longe está rezando...
 E um passinho com frio
 A companheira chamando.

Capitão (*meio irritado*):

Mas seu bobo, nada disso
 Rumor de passos é que é.

Bastião (*muda outra vez apressadamente de ouvido e o seu rosto resplandece de alegria*):

E um boi que vem. Parece...
 Parece um boi caminhando
 Vem cansado, tropeçando
 Com as pedras do caminho;
 Tresmalhado da boiada
 Vem desgarrado, sozinho...

O capitão faz, desalentado, um gesto de impaciência. Mateus dá com a bexiga em Bastião, mas este insiste e exclama:

Bastião Ah! É mesmo, até que enfim...
 É mesmo rumor de passos

O capitão se aproxima interessado.

Bastião Ah! é o país, é o país
Que vem!

Mateus O país? Que país?

Bastião O Brasil! O nosso Brasil!
Vem cansado, tropeçando,
Com as pedras do caminho.

Mateus levanta Bastião e dá-lhe com a bexiga. Agora percebe-se nitidamente um rumor de passos distantes, se aproximando; as cantadeiras anunciam.

Cantadeiras Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Avançando pela estrada
Sob o sol e sob a chuva
Marchou muitas, muitas léguas
E venceu em Catanduvas.

Marchando vem pela estrada
Batendo as botas reiúnas
O soldado
O soldado
O soldado da coluna.

Cada vez fica mais forte o rumor de passos, mais forte do que o usual, devendo ser criado artificialmente para dar a impressão de um rumor ritmado e pesado. Com o rumor crescente aparece pela esquerda, o soldado da coluna: uma sombra lhe envolve o rosto.

Soldado Eu era um soldado raso
 Eu era um simples candango
 Um capiau, um corumba...
 Menino, fui batizado
 Num terreiro de macumba;
 Cheguei às sombras eternas
 Como defunto sem missa,
 Sem pedra na catacumba
 (*pausa*)
 Nessas paisagens que andei
 Pelas estradas do mundo
 Em meio das multidões
 De pobres e vagabundos
 Reinavam grandes silêncios...
 Mas dos silêncios no fundo
 Havia pontos de som;
 Em cada silêncio havia
 Havia sons diminutos
 Que somados uma voz
 Faziam. Essa voz ouvi...

Mateus Essa voz!

Soldado Nas trevas do entendimento,

Da escuridão da miséria
 Nas sombras ainda há luz,
 Perdidas no seio escuro
 Há partículas de luz
 Que logo bem reunidas
 Ficam nos ares formando
 Uma grande claridade:
 Essa claridade eu vi...

Bastião Essa claridade!

Soldado No canto, nas alegrias
 Da gente pobre do povo
 Há parcelas de dor viva
 Que se juntam e se compõem
 Em grande dor coletiva:
 Essa grande dor senti...

Catirina Essa grande dor!

Soldado Na marcha do meu destino
 Pelo fogo fulminado
 Há muito faço e refaço
 Meu caminhar sublimado.
 Subindo sinto um caminho
 Preso, pesando em meus pés...
 Descendo, cresço nas águas
 De indefinidas marés;
 Subindo, me prendem raízes
 Descendo, em asas me elevo

Subindo, do chão me arranco
 Descendo, encontro as estrelas.

Entre o que desce e o que sobe
 Entre o que afunda e flutua
 Entre o que cai e o que voa
 Sinto o princípio que atua
 Sinto a força que gravita
 E o meu caminho alivia
 E a minha marcha levita.
 Entre o descer e o subir
 Esta marcha que me avança
 Trazendo angústia e alegria
 E que se chama esperança.

O soldado caminha para sair. Mateus coloca-se à frente dele com as bexigas presas na vara de vaqueiro que conserva verticalmente ao longo do seu corpo, ao lado esquerdo. Bastião coloca-se do lado direito do soldado e Catirina do lado esquerdo; assim organizados saem; enquanto as violas tocam e o cavalo-marinho executa uma dança animada.

Capitão (para de repente e chama):

Mateus! Bastião! Catirina!
 (Os três voltam à cena)

Vamos partir, vamos ver
 Onde está o boi malhado;
 Vamos a terras distantes
 Que Deus me ajude e perdoe

Mas tudo hei de cometer
Para salvar este boi.

Forma-se então o cortejo de saída com que termina o primeiro quadro: o capitão (o arlequim mantendo a rédea) vai à frente seguido por Mateus, Bastião, Catirina, cantadeiras e violeiros. O capitão parte para a fazenda Macambira. As cantadeiras cantam:

Cantadeiras Guriatã, curió
Oh! patativa golada
Oh! meu galo de campina
Cantando desde a alvorada.
 Sabiá da mata, sabiá
 Sabiá gongá
Papa-capim, pintassilgo
Oh! Bem-te-vi passarinho
Saudando quem vai passando
Ao longe, pelo caminho
 Sabiá da mata, sabiá
 Sabiá gongá
Oh! minha ave araponga
Ferreiro deste sertão
Teu canto bate na serra
Responde o meu coração.
 Sabiá da mata, sabiá
 Sabiá gongá
Cantadores do Nordeste
Cantando ao som do baião

Galopes a beira-mar
 E os oito pés do quadrão.
 Sabiá da mata, sabiá
 Sabiá gongá
 Cantando vamos ao longe
 Pela estrada do sertão
 Cantando, vamos cantando
 Salvar o boi e a nação.
 Sabiá da mata, sabiá
 Sabiá gongá

SEGUNDO QUADRO

O capitão e seus assistentes partiram para a região onde se encontra a Fazenda Macambira com o fim de evitar a morte do boi; chegando ao limites da fazenda é noite fechada; em torno deles, de repente, desencadeia-se uma dança de fantasmas; Jaraguá, Babau, Caipora surgem em claros repentinos de luz, diante deles, batendo queixadas; o pinicapau também aparece procurando bicá-los; o capitão, Mateus, Catirina e Bastião agacham-se ao pé de uma grande cerca de ramos trançados (ver Cercas sertanejas, de Souza Barros) e assistem transidos de medo a uma dança de espíritos diabólicos “dança dos bichos do medo da noite”.

Capitão Bem. Parece que chegamos
 Às terras do seu Nonô:

Mas a noite é densa, escura,
Escura de fazer pavor.

Mateus Toda a escuridão se move
 Como se viva estivesse,
 Como se negros fantasmas
 Do chão da morte viessem.

Catirina E nessa treva agitada
 Passam clarões; fogo móvel
 Na sombra saltando está:
 São luzes de cemitério...
 E o fogo do Boitató.

Mateus Avançar mais, não devemos
 Pois já saímos da trilha
 Que a todos nós dirigia.

Capitão (*mostrando uma cerca de paus trançados ao seu lado*):

 Junto a esta cerca fiquemos
 Não deve tardar o dia.

Neste momento começa a “dança do bichos da noite”; estes avançam, recuam, ameaçam o grupo agachado junto à cerca. As cantadeiras, durante a dança, cantam em voz surda e apagada:

 São muitas horas da noite
 São horas do bacurau

Mexe e remexe, mexendo

A sombra de um galalau...

hô hô hu huaoouaa

E um braço morto, invisível

Atira n'água um calhau:

As águas giram seus discos

Até o funil de um perau.

uuuuuuuuuôôôuuuuu

Finge que fuma e defuma

Fumando o seu catimbau

Medo da noite com o rosto

Pintado de colorau.

uau uau auau

Numa cangalha navegam

Como se fosse uma nau,

E içando as velas: mortalhas,

Passam jaraguá e babau.

hô hó hó ho hauuau

Montando um porco do mato

Como se fosse um quartau

Caipora vai perseguindo

O jacaré ururau.

uau uau hu hu hó uau

Alguém soluça e lamenta

Todo este mundo tão mau;

Bicando a sombra da noite

Pinica o pinicapau

uuuouuuuuuu

Alguém no rio agoniza

No rio que dá vau

Alguém na sombra noturna
 Morreu no fundo perau
 hôôôôô u hu auuuuuuuau

As primeiras claridades do dia aparecem no horizonte; as figuras fantásticas foram aos poucos sumindo e desaparecem de todo; o dia avança lentamente; o grupo junto à cerca começa a se mover.

Capitão Amanhece o dia. Mas
 Não se ouve o galo cantar.

Bastião Os moradores da terra
 De certo os galos comeram;
 Os galos grandes, de guerra...
 Seus cantos não mais romperam
 As manhãs que andam no ar.

Mateus Canto de galo indistinto
 No fundo dessas lonjuras,
 Seria uma luz cantando,
 Seria uma voz louvando
 O verde que vem surgindo
 De dentro da noite escura.

Ouve-se o canto estridente e desagradável da siriema; este canto estridente se reproduz duas, três vezes.

Bastião É o canto com certeza
 Dos galos do seu Nonô.

Mateus É o canto da siriema.

Capitão É um canto isto? É um canto?
 É mais um grito de espanto,
 Grito de morte espreitando
 Na entressombra de uma dor.

Ouve-se, de repente, um estalido seco à margem da estrada que se vai alteando para além, bordada lateralmente de mato intrincado; a cabeça de uma cobra assoma do mato.

Cantadeiras Vem o sol nascendo
 Quando a morte passa
 Parece dormir
 Num chão de palha
 Cascavel terrível;
 Cascavel chocalha!
 Cobra salamanta!
 Cobra coral!
 O gado mordido
 Não volta ao curral
 Vem o sol nascendo
 Quando a morte passa
 É surucucu
 Pico-de-jaca
 É cobra tapete
 É a jararaca;
 Na manhã nascente
 Passa na estrada

Jararacussu

Urutu dourada

Vem o sol nascendo

Quando a morte passa

A cobra que assoma e vai atravessando a estrada é uma bela urutu dourada de 1,70 de comprimento e faz brilhar à luz da manhã os seus anéis amarelos sobre a pele negra; diante daquela cobra sinistra, de veneno terrível, o Capitão, Mateus e Catirina ficam imóveis, pasmos e deslumbrados; mudos, desse mutismo que representa o perigo e a beleza do perigo, assistem àquele espetáculo sem murmurar uma palavra, paralisados pela emoção. A cobra atravessa a estrada branca e iluminada no seu movimento lento de serpente de grande veneno, solene, tranqüila, dessa tranqüilidade que às vezes encobre e quase sempre antecede acontecimentos fatais.

Mateus (recuperando a voz):

O seu veneno é terrível

Mas sua ação é inocente:

Como a seca, como as cheias

Em que morre tanta gente.

Bastião

Há profunda semelhança

Entre a cobra e a mulher,

Confie na sua inocência

Nelas confie quem quiser:

Mesmo o que falta na cobra

Quando se apura e procura
Na mulher ainda sobra.

Capitão Uma vez quis muito bem
A certa moça modesta
A certa moça com quem
Me casei. Ela era simples
Era boa, pura, honesta,
De carinho me envolvia;
Sem causa porém um dia
Um dia fugiu, deixando
Minha vida envenenada:
Era bonita, formosa
Como esta urutu dourada.

Bastião Neste exemplo bem se logra
Que no cortar traiçoeiro
É de dois gumes a faca.

Mateus Quem sabe se a minha sogra
Não será um jararaca?

Catirina Ter esta desconfiança
Você, Mateus, não precisa:
Minha mãe é cobra mansa
Cobra d'água, cobra lisa
Cobra preta.

Vê-se passar ao longe um grupo de emas velozes, uma delas espantada irrompe perto das personagens em cena; Mateus consegue segurá-la.

Cantadeiras Gavião quando peneira
 Peneira como urupema
 Os bichos que são velozes
 Não correm mais do que a ema.

Correndo campos, baixios
 Com matagais de jurema,
 Correndo os cursos dos rios
 Não correm mais do que a ema.

Foge medroso o covarde
 Ante as armas de um curema;
 As nuvens da tempestade
 Não correm mais do que a ema.

Capitão Que bicho é este Mateus
 Que com as asas não voa?
 Mas usa as pernas ligeiras
 A correr no campo à toa.

Mateus Este pássaro elegante
 É brasileiro da gema
 Meu capitão não se espante:
 O nome do bicho é ema.

Bastião Este bicho é um girafa
 De penas, e de esquisito
 Já saiu da conta, é bicho
 Mesmo do fute, o maldito:
 Come pedra, engole vidro

Come até coisas mais duras...
 Cuidado! Meu Capitão
 Que este bicho, de mansinho,
 Pode comer seus estribos
 Comer pode as ferraduras
 Do seu cavalo-marinho.

Catirina Besteiras, sempre besteiras
 Do moleque Bastião
 Nunca vi negro mais cheio
 De lorota e de invenção!

Capitão Já vai bem alta a manhã
 Devemos seguir caminho.

O capitão acompanhado de Mateus, Catirina e Bastião, seguem caminho na direção da casa grande da fazenda Macambira; a cena fica por um instante vazia; do lado oposto àquele por onde saiu o capitão aparece o engenheiro com o seu instrumento e seus ajudantes.

Cantadeiras (*anunciam*):

Cuidado com o engenheiro
 Que vem as terras medir,
 Ele é mais que feiticeiro
 Para encantar e iludir.

Seu instrumento: uma aranha
 Tecendo vai os seus fios,

E sempre alguém se emaranha
Nos seus desejos vazios.

Seu instrumento é roleta,
De muitos mede a má sorte,
Com traços de linhas retas
Separa a vida da morte.

Enquanto as cantadeiras cantam, surgem de um lado do engenheiro, Mateus, Catirina, Bastião e o fazendeiro Zé Pequeno, e do outro lado estão o Valentão, o coronel Nonô e seu Nezinho; o engenheiro arma o instrumento sob um grande guarda-sol que um de seus ajudantes segura, enquanto outro se afasta com uma baliza na mão; o balizeiro coloca-se junto a um barranco quase a pique, mantendo a baliza em posição de ser visada pelo engenheiro; este vai fazendo sinal para que o balizeiro desloque a baliza para o lado do barranco; vai assim dando com a mão; o homem com a baliza chega a encostá-la no barranco, mas o engenheiro continua a acenar no mesmo sentido; o balizeiro sobe de gatinhas no barranco e coloca a baliza no alto; o engenheiro faz sinal agora no sentido contrário, na direção da borda do barranco; o balizeiro vai deslocando a baliza e coloca-a na linha extrema no barranco; mas o engenheiro insiste no mesmo sentido, o balizeiro desce apressadamente e coloca a baliza embaixo, novamente encostada no barranco; o engenheiro acena para que a baliza seja deslocada mais para dentro; o balizeiro vai subir novamente de gatinhas para atendê-lo quando:

O engenheiro Ver a baliza, procuro
 Procuro a luz e não acho
 Nada vejo. Tudo escuro!
 Parece que anoiteceu
 De repente.

O engenheiro ergue a cabeça desanimado; o ajudante que segura o guarda-sol tira do cano da luneta o tampão que fechava a objetiva.

O engenheiro Oh! Que diacho!

Começa a fazer o alinhamento colocando a luneta para o lado das terras do fazendeiro Pequeno, vai fazendo sinal para o ajudante com a baliza que se afasta e desaparece; o engenheiro apura a vista, mexe nos parafusos e acaba fixando uma direção. Durante todo tempo o grupo do coronel sorri satisfeito.

Engenheiro Eis aqui a linha certa
 Delimitando as fazendas
 – A linha definidora,
 A linha que, de uma vez,
 Vai liquidar a contenda;
 Linha que, comprovadora,
 Será traçada em papel
 De desenho: deste lado
 (indica com o braço)
 As terras do Zé Pequeno
 Deste outro as do coronel

(olha outra vez na luneta):

Mas... que é que há? um momento!

A linha passa por cima

Da casa do Zé Pequeno!

Zé Pequeno *(intervindo, indignado)*

Como é isto? Está visando

O marco?

Engenheiro

De certo... a linha

Vai mesmo na direção

Do marco, que está por baixo

Da grande caraibeira.

Zé Pequeno

Caraibeira? É impossível!

Pois o marco é o da ladeira

Ali defronte *(indica)* no bico

Da serra; ali é que ele está

Por baixo do pé de angico.

Bastião *(com ironia):*

Mas é que o marco esta noite

Criou asas e voou

E depois de um baixo vôo

Em outro lugar pousou:

Embaixo da caraibeira,

Como aqui diz o doutor.

Engenheiro *(olha novamente na luneta e diz meio encabulado):*

A linha passa por cima
 Da casa do Zé Pequeno
 A linha passa... penetra
 Pela janela do quarto
 De dormir, passa por cima
 Da cama do seu Pequeno;
 Exatamente entre os dois;
 Entre marido e mulher.

Bastião

A linha passa entre os dois:
 Zé Pequeno e Dona Inez
 Ficam assim separados
 Com todo valor legal,
 E esta é a primeira vez
 Que um engenheiro promove
 O divórcio de um casal.

Zé Pequeno (à parte):

Não fosse perder a terra,
 Tanta terra por sinal,
 Ficar livre dessa velha
 Até não seria mal.

Mateus se aproxima e fala ao ouvido do engenheiro que sorri, faz um gesto de assentimento; imediatamente saem apressados pela esquerda Mateus, Bastião e Catirina; o engenheiro volta a olhar pela luneta a posição do marco: olha, examina, mexe no parafuso da ocular, fica um certo tempo atento, esperando e de repente exclama:

Engenheiro Ah! Ah! agora descubro
 O meu erro; já de início
 Eu vinha desconfiando
 Do jeito daquele marco.

Qual marco, nem meio marco!
 Me enganei nessa visada!
 Ora, aí está, um engenheiro
 De experiência afamada,
 Que sempre correto foi,

E nunca fez marmelada.
 Tomar por marco uma pedra
 Uma simples pedra pousada
 Ao pé da caraibeira!
 Devo agir com mais cuidado...
 Não cometer outra asneira.

Volta a girar o instrumento procurando visar o marco, e a luneta vai aos poucos se dirigindo para o lado das terras do coronel e acaba se fixando num ponto muito para dentro do curral da Fazenda Macambira. Agora todo o cercado desta fazenda, com o seu gado, fica pertencendo à fazenda do Zé Pequeno; voltam Mateus, Bastião e Catirina: nesse momento já o coronel, o valentão, o seu Né estão avançando sobre o engenheiro:

Coronel *(investindo sobre o engenheiro)*

Que grande patifaria!
 Que grande trampolinagem!

Não estivesse eu alerta
 Cairia na esparrela:
 Isto é coisa, isto é serviço
 Que se faça, seu gamela?

Engenheiro

Alto lá! Gamela não!
 Engenheiro diplomado,
 E, em marcações de divisas,
 Técnico especializado.
 Nem mais alta e precisa
 Topografia se fez
 No mundo, como esta minha:
 Segura, certa, concisa,
 Com tangências e com linhas,
 Visadas, contravisadas,
 Chegando aos pontos de mira
 Como vão as andorinhas,
 Mais velozes do que o vento,
 A pousar nas altas torres
 Nas torres dos campanários,
 Nas rodas dos cataventos.

Bastião

Agora sim, seu Pequeno
 Todo o curral, todo o gado
 Da Fazenda Macambira
 Já passou para o seu lado,
 Só falta a marca da lei,
 Só falta o papel selado...
 Todo o curral, tudo, tudo...
 Até o cavalo caxito,

Até o porco barrão
 Que é muito da estimação
 Do coronel...

O coronel mudando de atitude aproxima-se do engenheiro e segreda-lhe qualquer coisa ao ouvido; este sorri, faz um gesto de assentimento; nesse meio tempo já saíram pelo fundo o valentão e seu Né.

Engenheiro (*olhando novamente pela luneta*):

Não. Não sei
 Onde é que tenho a cabeça!
 Como é que errei novamente
 A mim mesmo não me explico!
 Por que cargas d'água eu vi
 Que o marco estava fíncado
 Embaixo do pé de angico?
 Suponho que este instrumento
 Tem é belide na lente
 E tem um véu, um defeito
 Como de um olho doente...
 Vamos ver se agora acerto.

Começa a girar a luneta novamente para o lado da fazenda de Zé Pequeno; ao ver esta manobra, Pequeno, Mateus e Bastião vão para ele ameaçando-o; o engenheiro tenta voltar a luneta para o lugar onde estava; mas, aqui o grupo do coronel, já de volta, ameaça-o também.

O grupo de Zé Pequeno

O marco está lá... está lá!
 Debaixo do pé de angico
 Do outro lado, na ladeira.

O grupo do coronel

É lá... é lá que está o marco!
 É lá mesmo na sombra
 Da grande caraibeira...

O engenheiro fica oscilando com a luneta um certo tempo.

Engenheiro

O marco não está aqui
 Nem ali, nem acolá!
 Não está no céu, nem na terra
 Nem nas águas, nem no ar...
 O marco vôa e revôa,
 Gira como um carrossel,
 Também oscila e vacila
 Como balança infiel.

O engenheiro faz girar rapidamente o instrumento como se fosse uma roleta; atira uma pedrinha no limbo do mesmo, como numa jogada; a pedrinha salta, e o instrumento pára de repente, com a luneta apontada para o céu.

Engenheiro

O marco voou de novo
 Fugiu deste chão maldito;

Agora está muito longe
 Nas regiões do infinito.

Dizendo isto agarra o instrumento pelo tripé e sai correndo com ele; o porta-instrumento acompanha-o com o guarda-sol; Mateus persegue-o com a bexiga e, sai com ele, todo o grupo do Zé Pequeno; o grupo do coronel sai também pelo outro lado; a cena fica vazia por um momento. Entra pela esquerda um retirante: é figura andrajosa, feita de sombra e terra, trazendo às costas um matulão invisível; caminha sempre voltando-se para os lados como se estivesse acompanhado de sua família: mulher e filhos, que estão mortos há muito tempo; ele mesmo é figura intemporal, uma figura constituída de gestos, toda em mímica, a contar uma vida passada e infeliz: chegando a certo ponto da cena, fica a andar sem sair do lugar.

Retirante Não tenho pátria, nem glória...
 Embora – sinal da fome –
 Nas páginas secas da história
 Haja o meu nome e renome.

Mateus, Bastião e Catirina entrando outra vez em cena, encontram o retirante e a ele se dirigem.

Mateus Como é que vens acabado
 Velho amigo, meu irmão
 Há tanto tempo largado
 Pelas sendas do sertão.

Retirante

Sou, de acabado, tão pouco...

A pouco estou reduzido,

Ouve cantar galo rouco

Meu coração comovido...

(pausa)

Sou uma sombra sem corpo,

Sou um rosto sem pessoa,

Um vento sem ar soprando,

Sem som, um canto, uma loa.

Nem as palavras definem

O meu tão grande vazio,

Todo o gesto que me exprime

Todo o meu gesto é baldio.

Todo o ardor que em mim renasce

Se extingue com um assovio...

Em mim não há claridades

Sou, apagado, um pavio.

O tecido que me veste

Nem tem trama, nem cadeia,

Meus passos são muito leves

Não deixam marca na areia.

Meu andar é curto e breve

Mas contém a vastidão

Como é leve o que me pesa

Meu ausente matolão.

Perto vou, mas vou por longe
 Vou junto, mas vou sozinho
 Em sombra: burel de monge
 Caminho meu descaminho.

O retirante, parando de andar, finge que põe no chão o matolão de onde tira uma rede invisível, passa as cordas pelos punhos da rede, amarra uma delas num esteio também imaginário, experimenta-a, puxando-a, mede com a vista a altura em que deve ficar a rede e amarra a outra corda em outro esteio um pouco afastado, experimenta também, aqui, o punho e a corda para ver se estão firmes, para endurecer o nó, desembaraça as varandas, e experimenta a rede depois de armada; enfim nela se senta escanchado, faz um sinal e finge que apanha um dos filhos pequenos e o põe no colo, faz outro sinal como que apanhando um segundo filho, demora alguns instantes sentado; depois torna a colocar os meninos no chão: levanta-se e vai aos poucos desarmando a rede, dobra-a e mete-a novamente no matolão; suspendendo este último atira-o às costas e continua a andar sem sair do lugar, fazendo gestos para a mulher e os filhos.

Mateus Há quanto daqui saíste!
 Quanto tempo demoraste!
 Agora amigo me conte
 Me diga, por onde andaste?

Retirante Há muitos anos daqui
 Passei na Pedra Bonita
 E assisti uns homens santos

Procurando o desencanto
De el-rei Dom Sebastião:
Sangue manso de meninos
Sobre a pedra derramavam,
Pois assim conseguiriam
Do rei a ressurreição,
Que a todos enfim traria
Para sempre a salvação.
O sangue desses meninos
Em sangue se tornaria
Daquele bom soberano
De tão puro coração!

(pausa)

Cheguei a ver, sim, eu vi...
Vi sobre o espelho da pedra,
Em linhas vagas, incertas
O seu rosto que surgia.
Vi as suas mãos tão brancas
Aparecendo. Mas, ah!
Nas horas daquele dia
O sangue não foi bastante
E logo foram sumindo
As linhas do seu semblante.
Nas águas duras da pedra
Afundaram as feições
Do seu rosto triste, enxangue.

Mateus

E teus filhos pequeninos
Também tiveram o seu sangue
Derramado?

Retirante (*surpreso*):

Sim, tiveram...
No do rei voltará um dia.

Bastião E o teu? O teu, porque não deste?

Retirante O meu? Ah! Não serviria.
(*pausa, continua a contar*):
E muitos anos passaram...
E havia tristeza em tudo,
Quando fui desse deserto
Pelos grandes descampados
Seguindo roteiro certo,
Na direção de Canudos,
Quando fui pelos sertões
Para ouvir as pregações
De Antônio Conselheiro.

Quando no arraial entrei
Era dia de Sant' Ana,
Na igreja nova rezei
Na guerra injusta lutei
Por todas as desventuras
Que em minha vida encontrei.

O retirante sai agora caminhando em torno da cena, fazendo um círculo, até voltar ao mesmo lugar; enquanto ele caminha deste modo, as cantadeiras cantam:

Cantadeiras

Fui, fui, fui

Em fuga fui, fugindo fui.

Cocorobó

Patamoré

Massacará

Geremoabo.

Fui, fui, fui

Em fuga fui, fugindo fui

Vasabarris

Aracati

Tapicuru

Jacurici

Fui, fui, fui

Em fuga fui, fugindo fui.

Retirante (*agora novamente no mesmo lugar*):

Volvi com o rosto marcado

De duas marcas de chama:

– Duas vivas queimaduras.

Mateus

De que fogo, de que brasa

Duas vezes te queimaste:

– Calor de campina rasa? –

Dor aguda que apanhaste?

Retirante

Da primeira foi a sede

A chama em que me queimei;

Na segunda sinto o ardor

Do amor divino e do rei.

(depois de um instante calado):

E muitos anos passaram...
E em todos eles andei
Em provações desiguais,
Mas, encontrei no caminho
Alguns amigos leais:
Meu padrinho Padre Cícero
No Crato e no Juazeiro.
O bacharel Santa Cruz
Na Alagoa do Monteiro,
E o coronel Zé Pereira
Na cidade de Princesa

(pausa)

Agora não tenho pouso.
Guardei minha cartucheira,
Guardei meu chapéu de couro,
Meu rifle deixei de lado:
Rifle do papo amarelo
Que sempre foi meu tesouro.

Guardei tudo e fui-me embora;
Conheci terras de Minas,
Longes terras de Goiás
Percorri todo o São Paulo
Andei nos campos gerais;
Vi Salvador da Bahia
Seu grande presepe armar
E vi dos morros de Olinda
A pavonada do mar.

(pausa)

Agora, também amigo

Tenho que ir. Já é hora,
 Chamando estão os caminhos
 Meu destino é caminhar.
 Adeus... Adeus... Vou-me embora.
(vai caminhando para sair)

Mateus Quando outra vez, meu irmão,
 Por aqui há de passar?

Retirante *(já ao sair, se volta e diz):*

Quando D. Sebastião
 Voltar.
(baixa a cabeça e acrescenta)
 E flores singelas
 Nascerem ao seu olhar. *(sai)*

Ressoam, logo depois, estereofonicamente, com a sonoridade característica de um eco, por todo o recinto do espetáculo as últimas palavras ingênuas do retirante assim transformadas:

Quando os senhores da vida
 Abrindo as suas janelas
 Virem marchar os mocambos
 Virem descer as favelas

Ao sair o retirante, as cantadeiras cantam; no mesmo instante entra em cena novamente o capitão montado no seu cavalo-marinho; o capitão entra em cena vindo da Fazenda Macambira; entra dançando:

Cantadeiras Canto, canto, canto, canto,
 Canto tanto que o meu canto
 Já se tornou um quebranto
 Já se tornou desencanto.

Canto, canto, canto, canto
 Canto tudo e tudo encanto
 Canto em sol, canto helianto
 Canto em flor, canto amaranto,

Canto, canto, canto, canto
 O canto que em mim levanto;
 Em canto é que me agiganto
 Canto sim, canto, no entanto,

Canto, canto, canto, canto

Capitão (*pára e diz*):

Está salvo o boi! Salvo!

Mateus, Catirina, Bastião (*juntos*):

Salvo! Está salvo o boi.

Capitão

Hoje é a Noite de Festa!
 Hoje é a Missa do Galo!
 O boi salvo irá conosco
 Dançar na feira. Salvo!
 Mateus! Mateus! Vai buscá-lo,
 Do curral pode trazê-lo;
 Todos nós desejaremos

Passar a mão no seu pelo;
 Dançando vamos levá-lo,
 Dançando queremos vê-lo.

Mateus, Catirina e Bastião saem para trazer o boi: momentos depois entram acompanhados do animal todo enfeitado: começa então a dança do boi; Mateus na frente com a sua vara de vaqueiro da qual pendem as bexigas, vai animando o boi, guiando-o; Catirina e Bastião de um e de outro lado acompanham a dança; vão fazendo uma roda em torno do capitão que também dança!

Cantadeiras Campeiros vizinhos
 Vaquejando estão
 Vaqueiros aboiam
 Na longa extensão.
 Pai de curral
 Boi de malhada *(duas vezes)*
 Rompe na frente
 Guia a boiada
 Vão passando os carros
 Cantam os carreiros
 Carros carregados
 Além dos fueiros...
 Sobem ladeira
 Descem grotão *(duas vezes)*
 Ei! boi de couce!
 Boi de cambão!
 Mas um boi de fogo
 Vai comendo a rama

Vai lambendo tudo
 Sua língua em chama
 É boitatá!
 É boi barroso! (*duas vezes*)
 Pastam no campo
 Capim mimoso

Ouve-se então uma descarga e o boi cai; fica imóvel no solo; todos acorrem surpresos e aflitos; aglomeram-se em torno do boi; as violas tocam de maneira longa e plangente.

Todos Como foi? Como foi? De onde
 Vieram os tiros? De onde?

Capitão Corram. Busquem o assassino;
 Deve estar por trás das árvores.

Catirina Um doutor! Um doutor! chamem
 Um doutor!

Mateus e Bastião saem e voltam acompanhados pelo doutor. As cantadeiras cantam enquanto os três se aproximam:

Vem o doutor, vem trazendo
 Sua seringa na mão;
 E às vezes, mesmo, benzendo
 Quando não há salvação.
 Ai! Doutor!
 Ai! Doutor!

Pastilhas, pós e pomadas,
 Emplasto, unguento e xarope,
 Tantas mezinhas usadas
 Que a morte foge a galope.

Ai! Doutor!

Ai! Doutor!

Cura os que vão pela vida
 Das tripas desarranjados
 Cura a espinhela caída
 A cafifa e o mau-olhado!

Ai! Doutor!

Ai! Doutor!

Logo depois da entrada do doutor, entra o seu enfermeiro conduzindo uma maleta de medicamentos, de onde são retirados instrumentos de grandes proporções usados pelo médico: estetoscópio, aparelho de medida de pressão arterial, um martelo, etc.

Catirina (*olhando o doutor*):

Mas é um *show* de doutor!

O doutor se aproxima do boi, cauteloso, circunspecto, meditativo, fala devagar, examinando o boi:

Doutor

O boi está morto ou vivo?
 Como dizer? Neste mundo
 Tudo é muito relativo,
 Parece morto...
 (*o boi move a cauda*)

No fundo
 Porém está vivo, bem...
 Vou descobrir a razão
 Por que da vida cativo
 O boi ainda está... ou não?
 Ou, se para bem morrer
 Precisa de um bom motivo.

Volta-se para os circunstantes e em largas maneiras se apresenta:

Antes, porém, me apresento
 Num gesto simples e breve:
 Doutor Bicudo Coruja
 Cirurgião de mão leve.

Bastião Quer dizer, mais simplesmente,
 Que opera como quem rouba;
 Podia ser de outro tipo,
 Hoje em dia mais freqüente,
 Cirurgião de mão boba.

O doutor continua a falar aos circunstantes enquanto o enfermeiro procede ao exame do boi que dá, de vez em quando, sinal de que ainda está vivo.

Doutor Também previno e advirto
 Para o bem-estar geral:
 Cuidado tenham, cuidado
 Com aqueles que praticam
 A medicina ilegal.

No mais justo objetivo
De evitar o grande mal
De tantas charlatanices,
Empreguei na ciência médica
Organização vertical.
Vou dizer sumariamente
Em que consta este ideal:
Servindo à comunidade
Dentro dos mais sãos princípios,
Disponho de consultório
E de hospital bem montados.
Nos quais dirijo e executo
Serviço especializado
No domínio operatório.

Para não ser explorado
Pela ganância, e o abuso
Evitar de desonestos
Fabricantes de remédios,
Com perfeição realizo
Num grande laboratório
As drogas de que preciso.

*O doutor vai-se aproximando do boi para examiná-lo,
mas continua a explicar a sua organização:*

Tenho ali bem instalados
Banco de sangue e de córneas,
Tão úteis à medicina
Sem dúvida. Mesmo agora
Criei um banco a que dei
O nome de Celestina;

– Uma homenagem se vê
A tão ilustre senhora.

Catirina (*encantada*):

À minha madrinha, Dona
Celestina de *Curango*
Benzó Deus, que ela merece!

Doutor

Um banco novo, moderno
Onde conservo membranas
Destinadas a concertos
Prementes e necessários,
Trazendo alívio às belas
Meninas desprevenidas,
Visando tranquilizar
As descuidadas donzelas.

Bastião

Cá para mim este banco
Muito em breve há de falir;
– Por muito tempo não dura,
Pois esta mercadoria
Já não tem muita procura.

Doutor (*vai cada vez mais se aproximando do boi para examiná-lo e diz em voz baixa*):

Para não haver dispêndio
De tempo, de espaço e, ainda,
Não cometer certos erros,
Tenho casas funerárias
Onde contrato os enterros

Modestos ou suntuários
 Mais adequados aos enfermos
 Que morrerem. Lá resolvo
 O negócio com lisura,
 Com o máximo critério.
(e com voz grave e anasalada):
 E... vendo também baratos
 Terrenos no cemitério...

Bastião Aqui é que o valentão
 Podia fazer com lucro
 Uma grande incorporação.

Mateus Doutor Bicudo possui
 Realmente uma perfeita,
 Completa organização
 De exploração vertical.
 Quem entra nela... quem entra...
 Sai sempre na horizontal!

Doutor *(chega junto do boi e se ajoelha, mas de repente se volta e diz em voz baixa):*

Mantenho ainda um convênio
 Com algumas sacristias
 Que me dá direito pleno,
 Direito de encomendar
 Missas de sétimo dia.

(aproxima-se do boi e começa a examiná-lo, apalpando-lhe o ventre):

O ventre está timpanoso

Rumoroso, cavernoso...

Por muitos peidos retidos,

E antigas hidropisias;

O boi deve ter comido

Muito capim venenoso.

(põe o estetoscópio sobre a barriga do boi):

As tripas estão fanhosas

E um tanto descalibradas,

Como um velho mosquetão,

Soando coucho e rachado

Como corneta talhada

Num canudo de mamão

(pequena pausa)

Precisamos extraí-las.

(examina agora o estômago do boi):

O buxo se acha inflamado

Em conseqüência do esforço;

Do grande esforço empregado

Nos arrotos que encalharam

Nas vias indigestivas;

Ou de angústias provocadas

Pelos gases incombustos

De indigestões recessivas.

– Muito melhor se dirá,

Em linguagem escoreita:

O boi sofreu desde a infância

Muitas sedes corrosivas

E fomes insatisfeitas.

O buxo sem mais demora
 Temos também que tirá-lo
 (*continua apalpando*):
 E o baço? Vejamos o baço...
 – ou a passarinha, se querem –
 Hum!... está mesmo um bagaço,
 Fofo, mole, oco, vazio,
 Como rolete chupado
 De cana sarangó.
 (*há um ruído fora que o perturba*):
 Tsiuh!!

Silêncio! O boi está mal,
 Seu grande mal evolui
 Em escala descendente
 Das vias respiratórias
 Às vias mais indecentes
 Do aparelho cagatório.

O doutor se movimenta, apalpa aqui, ali, aplica o estetoscópio que fixa finalmente em um ponto de certa região do corpo do boi.

Doutor O bofe!... Disto estava eu
 À espera... é um velho órgão
 Com perturbações asmáticas,
 Oriundas de catarros
 Mal curados; resfolega
 Como um fole de ferreiro,
 Como a harmônica de um cego

Pedindo esmola na feira.

(pausa)

Baço, bofe, rim, as tripas,

Dobradas e dobradinhas,

Tudo a ser retirado!...

Bastião

Este doutor, certamente

Antes de entrar nos estudos

Teve vida diferente:

Negociou com fressuras,

Foi vendedor de *miúdos*.

Doutor *(continuando o exame do boi):*

Há outras coisas, no entanto,

Que já não trazem cuidado

(o boi estremece):

Por exemplo estes tremores

São evidente seqüela

De muito antiga espinhela

Caída, e este agitar de cauda

(o boi agita a cauda):

Vem demonstrar em resumo

Que o boi está com o cu

Já meio fora do prumo

(o doutor procura localizar a posição do coração)

Agora é preciso ver

Como anda o coração;

Ih! Ih! Como está batendo

Descompassado! Vai lá!

(o doutor procura seguir o bater do coração em vários pontos do corpo do boi)

Vai cá. Bateu aqui... aqui
 Saltando como um cabrito;
 Parece uma moenda
 Trambolhada. O coração
 Deste boi não vale mais
 Nada. Quanto antes... quanto antes
 É preciso retirá-lo.

Capitão Mas o boi pode viver
 Sem coração?

Doutor *(cabeça erecta, firme, solene)*:

Poderá ...
 Como não? Poderá sim
 Sim. Nada mais natural;
 Eu tenho um medicamento
 Feito em meu laboratório
 Que é justamente um portento
 Nestes casos. Uma vez
 A víscera extraída

No local se aplica a droga
 Com precauções especiais...
 Ela prodigiosamente
 Faz crescer novamente
 O coração.

Bastião Tal e qual

A pomada descoberta
 Por Zequinha Cafuné,
 Com a qual sempre explorou
 A sua boiada em pé;
 Pois dos bois quanto tirava
 Crescia sempre o filé

Mateus Não entendo, Bastião
 Como isto pode ser.

Bastião Muito simples. Cafuné
 Não mata o boi. Dos seus bois
 Apenas *colhe* o filé,
 Que renasce em breve tempo
 Com o aplicar da pomada
 Milagrosa como é.

Doutor (*apresentando o enfermeiro que tira da maleta uma
 papelada*):

Da droga prodigiosa
 Meu enfermeiro Ambrosino
 Vai ler a bula.

Ambrosino Senhores
 A iso-necro-cardizina
 É um preparo obtido
 Pela estrita aplicação
 Dos mais secretos humores,
 Que já nas *artes antigas*,
 Em balneados vapores,

Se presentira e somara;
Desses secretos calores
Agora se desprenderam
As miríficas virtudes
Com as ciências mais modernas
A iso-necro-cardizina
É assim constituída
De estratos conglutinantes,
De agregadas substâncias,
Em formas agonizantes,
Na matéria rediviva;
Matéria subordinada
Aos Crisosperma, ao Chibrite,
Ao Samário, ao Gadolínio,
Ao Adrope, à *Mulher branca*
E honesta cujos suores
Já curaram da cegueira
Um faraó. É um produto
Composto de vitaminas,
Mortiminas, necrominas,
Das mais recentes indústrias
Farmacêuticas. Tudo isto
Diluído em soros virgens,
Em água régia e *pesada*
Em água viva e *untosa*
Tudo bem dinamizado
Em suco de pinhão roxo;
Exposto à luz do *laser*,
E aos efeitos radioativos
De uma bomba de cobalto;

Depois cuidadosamente
Levado ao forno Atanor.
A iso-necro-cardizina
Ligada aos resultados
Das mais recentes pesquisas
De Mandrake e de Popeye...
Tem vínculos muito estreitos
Com a aruspicina menor
A Piromancia satânica
E a necromancia maior.

Catirina O doutor fala bonito...
Fala no estilo sublime
De uma bula de remédio.

Mateus Num estilo que parece
Ao de certo literatos
Meus amigos.

Bastião Sim, parece ...
Parece a literatura
Do próprio autor deste *Boi*.

Ambrosino (*continuando*)

A iso-necro-cardizina...

Neste momento o boi tem um estremecimento, debate-se por um instante e se estira inteiramente no chão; o doutor acorre, apalpa-o, sonda-o em vários lugares.

Doutor (*desolado*)

O boi morreu. Tarde vim.
 Nem mesmo pude saber
 A que verdade cedeu...
 – Este boi, de que capricho
 De que inocência morreu? –
 Do sonho fiz um remédio
 Que cura as dores mais fortes

Que dá consolo e esperança
 Aos que adormecem na morte.
 O boi morreu. Tarde vim,
 E não lhe pude aplicar
 O meu mais certo saber:
 Que é o de dar um sonho à morte
 Que é o de ajudar a morrer.

O doutor acompanhado pelo enfermeiro sai cabisbaixo. Mateus dá-lhe com a bexiga. Constatado que o boi está realmente morto, medidas são tomadas para arrastá-lo; Mateus e seus ajudantes preparam-se para arrastar o boi; forma-se agora o cortejo final da peça com todos os figurantes; começa então a se mover o cortejo para sair da cena levando o boi. Na frente o capitão, depois Mateus, Catirina, Bastião, o fazendeiro Pequeno, o valentão, o bicheiro, Seu Né etc. Os violeiros e cantadeiras levantam-se também para sair.

Cantadeiras (*acompanhadas por todos*):

O meu boi morreu
 Meu boi surubim
 Que comprei na feira
 De Belo-Jardim.

Agora na vida
 Que será de mim
 Sem meu boi ponteiro
 Meu boi surubim.

Morreu o meu boi
 Meu boi surubim
 Sou pobre de tudo
 Sou pobre de mim.

De repente, surpresos, param todos e silenciam; adiante à meia altura da cena aparece a aeromoça com o rosto desvelado, erguido iluminado; todos contemplam em silêncio e comovidos aquela aparição: a aeromoça desaparece; o fazendeiro Pequeno sorri para a platéia; ainda não refeitos desta surpresa começa a ouvir-se a marcha do soldado da coluna que aparece também na mesma posição com o rosto iluminado; desaparece; o cortejo se refaz e continua a sair mas agora rompe o silêncio cantando um canto de regozijo e esperança.

Todos (*cantam*): Viva!

Ora viva!

A aeromoça do céu!

A aeromoça do céu
Tem as asas da esperança
De um futuro que há de vir!

Viva!
Ora viva!
O soldado da coluna!
O soldado da coluna
Tem a marcha da esperança
De um futuro que há de vir.

Viva!
Ora viva!
A aeromoça do céu.

Viva!
Ora viva!
O soldado da coluna!

Assim cantando, o cortejo sai de cena e termina o “boi”.

POSFÁCIO

A composição deste Bumba-meu-boi representa a realização de um projeto que há muito tempo me prometi, pois, sempre considerei vivo e atuante este gênero de teatro popular brasileiro; a sua decadência, o seu deperecimento correspondem, apenas, a estes mesmos sintomas de declínio na vitalidade, e nas condições econômicas do próprio povo deste país, cuja miséria vem sempre crescendo, como pude constatar pela observação direta, em mais de cinquenta, dos sessenta e muitos anos que já vivi.

Tomei como base para compô-lo, a versão folclórica coligida pelo poeta Ascenso Ferreira, e publicada nos números 1 e 2 de 1944, da revista *Arquivos* da Prefeitura do Recife; não utilizei, entretanto, todas as figuras, mais ou menos fixas, que fazem parte desse espetáculo. Trata-se aqui, de uma obra inteiramente original, no texto, mas obedecendo às regras características desse drama falado, dançado e cantado – espécie de auto pastoril quinhentista, de onde, certamente, proveio. Contrariando, também, o espírito dessa *brincadeira* popular, que dá bom tratamento, apenas ao boi e aos seus vaqueiros, como assinala Téo Brandão, dei relevo especial e simpático a três figuras, necessárias ao arremate, mais ou menos apoteótico, freqüente em espetáculos desse gênero.

Este trabalho estava praticamente concluído, quando me veio ao conhecimento, através da revista *Das Schönste*, que o escritor japonês Yukio Mishima escrevera seis *nô*s modernos.

Trabalho, até certo ponto, semelhante ao que acabo de fazer, uma vez que o *nô* é teatro de tradição popular para o

Japão, como o Boi o é para o Nordeste brasileiro; como o nô, que na opinião de Yeats é *forma dramática distinta, indireta e simbólica*, como nô, que é texto, dança e canto, o Boi merece a meu ver, ser revitalizado, reanimado, como diversão e forma literária.

A maioria das críticas e observações contidas nestes versos agora publicados foram ouvidas e vividas: conheci na Baía da Traição, ao norte da Paraíba, um chefe de cangaceiros que se chamava *Chico Fulô*, e de quem ouvi grande parte das expressões contidas no papel do *Valentão*; na linguagem de Mateus, Catirina e Bastião procurei transmitir a linguagem de certos tipos populares do meu tempo, que usavam, em meio de expressões dialetais ou coloquiais, frases como: *filosofia positiva, certeza física e matemática, estilo sublime* e muitas outras; esses tipos eram quase sempre oradores populares como *Bochecha, Budião de Escama e Gravata Encarnada* que procuravam imitar outros oradores mais escolarizados freqüentes nos comícios políticos de então, oradores que, naquele tempo, pretendiam ser sucessores de Joaquim Nabuco.

Se estivéssemos, atualmente, num estágio avançado da arte cênica, certas figuras deste *Boi*, como a cobra, a ema, os bichos da dança noturna etc. poderiam ser *elecmas* que, como é sabido, são os marionetes eletrônicos a que se refere Akakia Viola; convém também observar aqui que o neguinho Bastião, quando põe o ouvido no chão, adquire o sentido *cósmico* de ouvir-ver que lhe dá uma maneira quase antiespacial de sentir as cousas; advirto ainda que a dança dos *bichos da noite* é uma dança de atmosfera, com o canto fazendo parte da mesma; a do boi, uma dança de situação, exprimindo o regozijo do dia

de Natal; e a do cavalo-marinho, que acompanha toda a peça, uma dança coral, como, em geral, é uma espécie de coro o canto das cantadeiras.

